

O INDIVIDUAL E O SOCIAL: NELSON DE PAULA NETO E O CORONELISMO

THE INDIVIDUAL AND THE SOCIAL: NELSON DE PAULA NETO AND THE CORONELISM

RODRIGO GUIMARÃES MOTTA RODRIGO¹; LUCIANO ANTONIO PRATES JUNQUEIRA²

1 - DOUTORANDO EM ADMINISTRAÇÃO NA PUC-SP; 2 – DOUTOR PUC-SP

rodrigo-motta@uol.com.br; junq@pucsp.br

Resumo - Esse artigo apresenta o resultado de uma pesquisa narrativa, realizada principalmente a partir de entrevistas, na qual a vida de Nelson de Paula Neto, figura política de destaque na cidade de Monte Azul, no norte de Minas Gerais, é narrada de maneira a destacar o ambiente político em que estava inserida, em especial o Coronelismo, tal como definido por Victor Nunes Leal. É descrito como ele se opôs ao mesmo e quais foram os impactos desse confronto entre o indivíduo e os coronéis da região no próprio modelo político do Coronelismo e também na sua vida e na de sua família mais próxima, mulher e filhos. Com esse estudo é possível observar que o Coronelismo, ainda que decadente, se manteve como uma realidade nos rincões mais distantes do Brasil na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Coronelismo. Monte Azul. Pesquisa Narrativa.

Abstract - This article is based on a narrative research, elaborated mainly through interviews, where the life of Nelson de Paula Neto, a relevant political figure of Monte Azul, a city in the north of the state of Minas Gerais, is written in such a way to show the political environment of the time, mainly the Coronelismo, as defined by Victor Nunes Leal. The article presents how he interacted and made opposition to it and how the impact of the struggle between the individual and the coronéis changed the Coronelismo itself and also the life of Nelson and his family, wife and children. With this study it is possible to verify that the Coronelismo, although losing political space, played a political role in Brasil in the second half of the twentieth century.

Keywords: Coronelism. Monte Azul. Narrative Research.

I. INTRODUÇÃO

Barbosa Lima Sobrinho em seu prefácio ao livro “Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil”, de Victor Nunes Leal (2012), descreve as origens dessa prática política que tanto impacto causou na condução dos negócios públicos no Brasil, em especial no século XIX e na primeira metade do século XX. Foi em 1831, que com o estabelecimento da Guarda Nacional, que patentes de coronel foram concedidas a lideranças políticas regionais, nos municípios do interior do Brasil, para que as mesmas respondessem pela segurança e pela defesa pátria em suas regiões. Essas patentes, passaram com o tempo a serem inclusive adquiridas pelos chefetes com o objetivo de adquirir prestígio político. Mesmo com o fim do Império, a expressão “coronéis” continuou sendo

utilizada para denominar e até mesmo para se dirigir aos mesmos.

Vale ressaltar que ainda que o Coronelismo, com essa denominação, tenha tido origem como relatado anteriormente, a estrutura do poder onde os líderes econômicos e políticos do interior do país tinham papel relevante na condução da causa pública se remete aos primórdios da colonização brasileira, como Gilberto Freyre em seu livro “Casa-grande e senzala” (2006) apresenta, com ênfase no senhor de engenho nordestino, dentre outros autores que relataram a evolução política do Brasil colonial, passando pelo Império e chegando as primeiras décadas republicanas. O fenômeno do Coronelismo, dada sua abrangência geográfica e durabilidade temporal conforme exposto, teve diferenças e mutações ao longo de sua trajetória, como descreve Euclides da Cunha, em “Os Sertões – campanha de Canudos” (2009, p. 120):

“Ao contrário do estancieiro, o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdaram velho vício histórico, Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas”.

Pela importância política e econômica que tiveram no período que vai desde a criação da guarda nacional até meados do século XX, muitos dos principais acadêmicos brasileiros interessados em entender a realidade brasileira, dedicaram artigos, dissertações, teses e livros ao Coronelismo. Além dos já mencionados, pode-se destacar Sérgio Buarque de Holanda, com “Raízes do Brasil” (2008), Darcy Ribeiro com “O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil” (2008), Raymundo Faoro com “Os donos do poder” (2014). Só com a constituição das primeiras escolas de sociologia do Brasil, que coincidiram com a expansão das cidades e sua industrialização, o que acelerou a decadência do Coronelismo, os estudos sociológicos passaram a se dedicar mais a outras frentes.

Ao longo do século XX, ainda que a consolidação da república e a maior importância das cidades e das indústrias na economia brasileira tenha gradativamente reduzido a importância dos coronéis, tanto em uma perspectiva política quanto econômica, sua influência ainda esteve presente, como este artigo vai demonstrar, até pelo menos a segunda metade do século XX e não é impossível que ainda existam

rincões pelo Brasil ainda dominados e dirigidos pelos últimos coronéis.

Dentre tantos textos renomados, para suportar a narrativa da vida de Nelson de Paula Neto, o autor elegeu o livro de Victor Nunes Leal. Além da afinidade de ideias, esse autor é, assim como o biografado, originário de Minas Gerais e dedicou sua interpretação do Coronelismo as relações do fenômeno com o município. Além disso, em pesquisa realizada no google acadêmico em janeiro de 2017, o livro de Leal é o mais citado entre todos os escritos sobre o tema, com 2.460 citações. O segundo texto mais citado, escrito por José Murilo de Carvalho, “Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual”, de 1997, tem 472 citações, o que demonstra a relevância do livro de Leal para os estudos acadêmicos sobre o Coronelismo. Ao longo do livro, Leal apresenta como o poder público e suas representações legais interagiram com as decadentes estruturas coronelistas para assegurar o poder e a governabilidade nos municípios do Brasil nas primeiras décadas da república. Como Leal escreve (2012, p. 44): “Por isso mesmo, o Coronelismo é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente senhores de terra”. Isso ocorreu porque com o advento da república, passa a existir um regime representativo de ampla base, sendo que a população rural, que na época ainda era majoritária no país, era muito dependente economicamente dos proprietários de terra, dos coronéis. Ao se estabelecer que a nova república teria um regime federativo, para que o novo governo, tanto federal quanto estadual, ainda que com um discurso modernizante, pudesse se eleger e ainda ter capacidade mínima de governança, se fazia necessário a aliança deste com os coronéis.

Aliança de conveniência, essa só vai se enfraquecer de forma gradual e descompassada, com a maturidade eleitoral, o fortalecimento dos poderes constituídos, a expansão das cidades e da industrialização e as garantias aos trabalhadores entre outros fatores que Leal percebeu como tendências e que efetivamente ocorreram ao longo do século XX. Visto pelo autor como decadente desde o seu surgimento, Leal não poupa críticas ao modelo (2012, p. 239-240):

“Não podemos negar que o Coronelismo corresponde a uma quadra da evolução política do nosso povo que deixa muito a desejar. Tivéssemos maior dose de espírito público e as coisas certamente se passariam de outra forma. Por isso, todas as medidas de moralização da vida pública nacional são indiscutivelmente úteis e merecem o aplauso de quantos anseiam pela elevação do nível político do Brasil. Mas não tenhamos demasiadas ilusões. A pobreza do povo, especialmente da população rural, e, em consequência, o seu atraso cívico e intelectual constituirão sério obstáculo às intenções mais nobres”.

Esta combinação de disputa pelo poder, transição entre modelos e formas de gestão da coisa pública e fraca atuação do poder público no âmbito dos municípios causou muita tensão, acompanhada também por violência e sofrimento das populações rurais. Ainda que modelos mais inovadores tenham surgido para se opor a essa situação, como a própria concepção da cidade de Canudos, que como demonstrado por Motta (2017), tinha uma organização eficiente do seu estado e diferente da elaborada pelo governo central (o que

eventualmente acarretou em sua destruição), muita violência ocorreu também não apenas no confronto entre modelos, mas também dentro do próprio modelo do Coronelismo. Livros como “Herança de sangue: um faroeste brasileiro”, (2012), de Ivan Sant’anna, relatam o sofrimento envolvido na luta pelo poder dos coronéis em seus municípios.

Este artigo, através da vida de Nelson de Paula Neto relatará uma vida sob a perspectiva de sua inserção no contexto do Coronelismo do norte de Minas Gerais, tratando de destacar pontos de afinidade na biografia de Nelson com os conceitos elaborados por Leal. Com isso será verificado o raciocínio deste autor, como também se demonstrará que o Coronelismo como fenômeno social ainda causou impactos sociais mesmo na segunda metade do século XX.

E porque uma pesquisa narrativa para abordar o problema proposto no parágrafo anterior? O estudo de Leal, e os demais trabalhos que abordaram o Coronelismo estudaram a superestrutura do fenômeno, seus impactos de forma abrangente sobre a sociedade. Não exploraram os dramas individuais, daqueles que viveram sob o jugo dos coronéis, nem como se deu a decadência deste modelo ao longo do século XX. Neste sentido, uma pesquisa narrativa não só enriquece a discussão como fornece um relato que pode servir para pesquisadores e cientistas sociais interessados em melhor compreender o que ocorreu e também dispostos a agir e propor ações naqueles rincões do Brasil onde o modelo coronelista ainda não se extinguiu definitivamente.

Para contextualizar o motivo da escolha da vida de Nelson de Paula Neto para ilustrar o estudo do Coronelismo, é necessário apresentar nesta introdução também o local onde sua vida transcorreu, a cidade de Monte Azul, no sertão norte mineiro. De acordo com o relatado por Rodrigues (2006), o que hoje é o município de Montes Claros fez parte da capitania hereditária da Bahia e posteriormente da sesmaria da Casa da Ponte. O lugarejo, conhecido como Tremedal, situa-se no norte de Minas Gerais, próximo a divisa com a Bahia e integrou outros municípios até que em 1878 é alçado à condição de município, como Boa Vista do Tremedal. Em 1923 seu nome passa a ser simplesmente Tremedal e finalmente em 1938, por sugestão do Coronel Levy Souza e Silva, passa a ser chamado de Monte Azul, em função de se localizar em belíssima serra com essa tonalidade no pôr do sol.

Durante boa parte de sua existência, Monte Azul teve todas as características de uma cidade governada por coronéis e regida pelas características preconizadas por Leal em seu livro. Além do mais famoso de seus mandatários, o já mencionado Levy Souza e Silva, outros coronéis comandaram a política local, como o Coronel Donato Gonçalves Dias, o Coronel Jonathas Carlos de Oliveira, o Coronel Moacir Antunes José Silva, entre outros que é possível mencionar. Durante mais de trinta anos o Coronel Levy governou a cidade, atuando tal como descrito por Leal como um “preposto” do governo estadual, que o apoiou como chefe local e que em troca cedeu certos recursos para que ele promovesse limitadas benfeitorias no município, cuja população, que vivia da economia rural e possuía parca instrução, era submissa aos seus mandos e desmandos.

Esses acordos envolviam também o uso da violência quando necessário. Inúmeras disputas ocorreram entre os referidos coronéis e outros mais que disputavam o comando de Monte Azul, assim como violência era utilizada para subjugar e controlar qualquer tipo de oposição aos coronéis

quando feita por outros cidadãos. História famosa no folclore de Monte Azul é a de Arabel de Souza Gomes, temido líder local, que não tinha a envergadura de um coronel, mas tinha posses e capacidade de agir, com violência, quando necessário. Pois esse Arabel foi preso em certa ocasião, e isso só foi possível porque ele se entregou a pedido de Levy de Souza e Silva. Em um enigma até hoje não resolvido pela polícia, Arabel foi transferido da delegacia para a fazenda de Francisco Teles de Menezes. Após três dias, ao “tomar conhecimento do fato”, o coronel foi até a referida fazenda e encontrou Arabel assassinado, jogado de cabeça para baixo, com os olhos vazados, unhas arrancadas e castrado em uma cisterna.

Muitas outras histórias sobre a violência empregada pelos coronéis de Monte Azul podem ser relatadas, basta dizer que o célebre escritor mineiro, Guimarães Rosa, como relata Rodrigues (2006), usou as lutas internas de Monte Azul como inspiração para as que romanceou em seus livros que se tornaram clássicos, como “Grande Sertão Veredas”. Infelizmente, uma das últimas destas histórias e não menos trágica que aquelas que a antecederam, se passou com Nelson de Paula Neto. E a mesma aura de mistério paira sobre muitos dos fatos que envolveram seu trágico fim.

O objetivo deste trabalho de pesquisa narrativa é analisar os impactos do confronto entre o coronelismo, tal como descrito por Victor Nunes Leal, de Monte Azul e Nelson, tanto no âmbito da política local, dominada pelos coronéis, como na sua estrutura familiar. Trata-se de uma relação de bi-implicação, onde a estrutura sociopolítica interfere na agência individual e vice-versa, nenhuma das esferas saindo deste confronto incólume e idênticas ao que eram antes dos acontecimentos descritos.

II. PROCEDIMENTOS

Este é um artigo de pesquisa narrativa, que segundo Creswell (2013, p. 68), “começa com as experiências expressas nas histórias vividas e contadas pelos indivíduos”. As características de uma pesquisa com esse perfil são, segundo o autor: o levantamento de histórias de indivíduos, que podem ser coletadas por uma variedade de instrumentos, mas com destaque para as entrevistas. Uma vez feito isso, as histórias são organizadas de acordo com uma cronologia e analisadas de diferentes maneiras, com destaque para os seus pontos decisivos, que são enfatizados pelo autor durante sua redação. Por se tratar de uma narrativa da vida de uma pessoa ou de um grupo pequeno de indivíduos, estas estão necessariamente inseridas em contextos específicos. Por este artigo abordar a vida de um indivíduo em especial, Nelson de Paula Neto, pode ser dito que se trata de uma pesquisa narrativa de “história de vida”, que de acordo com Denzin (1989) aborda a vida do indivíduo com ênfase em um episódio em especial, que pode estar dentro de um contexto coletivo.

O autor utilizou o recurso das entrevistas, realizadas com a viúva de Nelson de Paula Neto, seus cinco filhos, com três parentes que acompanharam os acontecimentos descritos e com um amigo próximo que o conheceu e acompanhou durante sua trajetória de vida. Esta amostragem intencional foi selecionada para poder relatar a trajetória do biografado, de forma a inseri-lo nas lutas contra o Coronelismo vigente em Monte Azul e também para ressaltar o drama que envolveu sua trajetória e a da sua família, que causou impactos nos mesmos até os dias presentes. As dez entrevistas foram realizadas com um

protocolo previamente estruturado, o qual para sua elaboração baseou-se nas recomendações feitas por Lakatos e Marconi (2005). O material coletado durante as entrevistas foi enriquecido com a leitura dos documentos e do arquivo pessoal de Nelson, o qual foi colocado à disposição do autor pela sua família.

A ênfase desse artigo não é explorar todas as nuances dos trinta e três anos de vida que Nelson viveu, mas sim demonstrar, a partir dos conceitos do Coronelismo, tal como ele é concebido por Victor Nunes Leal no seu livro “Coronelismo, enxada e voto” (2012), quais foram os impactos dessa prática política na vida do biografado, como influenciou suas escolhas e como estas, por sua vez, trabalharam para modificar o próprio Coronelismo, tal como era praticado no norte de Minas Gerais. O artigo também destacará o impacto das escolhas individuais de Nelson não só no macro ambiente político, econômico e social, mas também na trajetória de vida daqueles que foram mais diretamente influenciados pelas mesmas, notadamente sua família.

III. RESULTADOS

Para realizar as entrevistas que permitiram a realização desta pesquisa narrativa, favoreceu o autor o conhecimento da região e da família de Nelson, que além de ser entrevistada, também indicou o amigo de Nelson que foi também entrevistado. Cabe destacar que durante as entrevistas, os entrevistados por diversas vezes demonstraram uma resistência a entrar em determinados detalhes, como nomear protagonistas da tragédia que levou ao falecimento de Nelson de Paula Neto.

Parte disto, em função das lembranças serem ainda dolorosas, parte porque muitos dos protagonistas desta tragédia norte mineira ainda estarem vivos e atuantes na política local, o que pode por si só constituir uma evidência que o Coronelismo, mais decadente do que nunca, ainda tem um papel na política de Monte Azul, cidade do sertão onde se passa a maior parte desta história. Cabe destacar que determinados personagens desta pesquisa, a pedido dos entrevistados, terão suas identidades resguardadas e serão tratados apenas pela inicial do nome.

Nelson de Paula Neto nasceu em 1942, filho caçula de uma tradicional família de Monte Azul. Seus pais, Aristides e Joana, tiveram oito filhos: Tida, Lia, Laurentina, Arcilia, Joel, João, Lourdes e Nelson. Ainda na infância dos oito irmãos, a interferência do Coronelismo se fez sentir e trouxe impactos na educação dos mesmos. Totó, irmão de Aristides, delegado de polícia em Monte Azul, foi assassinado por um dos coronéis que aterrorizavam a cidade. Este crime, que nunca foi totalmente esclarecido, pode demonstrar a força dos coronéis junto ao governo estadual e ao poder judiciário, que apoiavam os coronéis em disputas locais com a contrapartida que os mesmos conseguissem os votos necessários para a eleição dos governantes do estado, um dos pontos característicos do Coronelismo na teoria de Leal. Para evitar posteriores derramamentos de sangue, Aristides naquele momento decidiu se mudar para São Paulo com a família. Apenas anos depois Joana retornou com Nelson e os irmãos, enquanto Aristides ainda passou alguns anos mais em São Paulo. Este evento, traumático como foi, pode ter despertado desde tenra idade em Nelson a rebeldia e o senso de oposição as injustiças e aos mandos de desmandos dos

coronéis. Demonstra também que a família de Nelson não era subserviente e compulsoriamente alinhada com esses coronéis. A vida de Nelson confirmaria essa característica.

Nelson continuou seus estudos em Monte Azul e chegou a morar e estudar em um seminário em Belo Horizonte. Na época, era prática comum para as numerosas famílias do interior, enviar um de seus filhos para se tornar padre, ou se isso não fosse para frente, para pelo menos cursar o seminário e ter uma educação de melhor qualidade. Uma vez formado, Nelson ingressou em uma tradicional empresa de Monte Azul, a Sociedade Oliveira e Figueiredo, que beneficiava e processava o algodão e o preparava para que fossem produzidos os fios de algodão. A prosperidade dessa empresa, de caráter comercial e industrial, oferece indícios de que Monte Azul expandia sua economia, que aos poucos ia perdendo seu caráter exclusivamente rural para ter também indústrias e serviços mais bem desenvolvidos. Progresso para a cidade e para a região, mais um sinal de decadência do Coronelismo, que sobrevivia em função da ignorância e dependência econômica da população que trabalhava com a agricultura. Talvez essa formação profissional de Nelson, mais independente e progressista em relação ao modelo coronelista, tenha também fortalecido sua visão de mundo moderna para a época e que iria em mais de uma ocasião, se chocar com os coronéis monte azulinos. Sua formação acadêmica e rumo profissional podem também servir como exemplos de pontos característicos da teoria de Leal sobre o Coronelismo: esse tipo de domínio prosperava principalmente em comunidades agrícolas habitadas por pessoas de pouca educação, e entrava em decadência com o surgimento e expansão da classe média, com melhor formação acadêmica e com o advento da industrialização. Nelson dentro deste contexto, participava de eventos transformadores da realidade em que ele havia crescido e estava inserido.

Com uma agenda por demais atarefada, Nelson comprava algodão na Bahia, vendia o mesmo processado em São Paulo e no Rio de Janeiro e ainda administrava o escritório da empresa. Com vinte e quatro anos, era um bem-sucedido executivo da nova economia que se construía no norte de Minas Gerais. Foi nessa época que Nelson foi assistir a um concurso de beleza na vizinha cidade de Porteirinha que iria mudar sua vida. Lá se encantou por uma das candidatas, Laura, filha de tradicionais famílias monte azulinas, os Nunes Pereira e os Custódio Jorge. Laura também era de uma família de oito irmãos e era estudante em um colégio interno de Porteirinha. Tinha quinze anos à época. Quando retornou a Monte Azul, encontrou Nelson na igreja. Ele enviou um bilhete para ela, por intermédio de seu irmão Ubaldo, perguntando se ela queria casar com ele. Laura mandou o irmão dizer que aceitava, encantada com aquele homem trabalhador, com quase dois metros de altura, magro e forte. À noite, Nelson foi até a casa de Laura acompanhado por Geraldo Figueiredo, proprietário da empresa na qual ele trabalhava. Os pais de Laura, relutantes no início, em função da diferença de idade e pelo fato da filha estar estudando, terminaram por aceitar o casamento, que aconteceu no dia seguinte. Transcorria o ano de 1966. Nelson ainda viveria dez anos. A figura 1 apresenta uma imagem do casal.

Figura 1 – Foto de Nelson e Laura.



Fonte: Arquivo pessoal.

O temperamento forte, independente e moderno para a época de Nelson causava forte impressão em Laura. Suas atitudes de confronto ao Coronelismo interferiam na sua rotina familiar, como conta Laura:

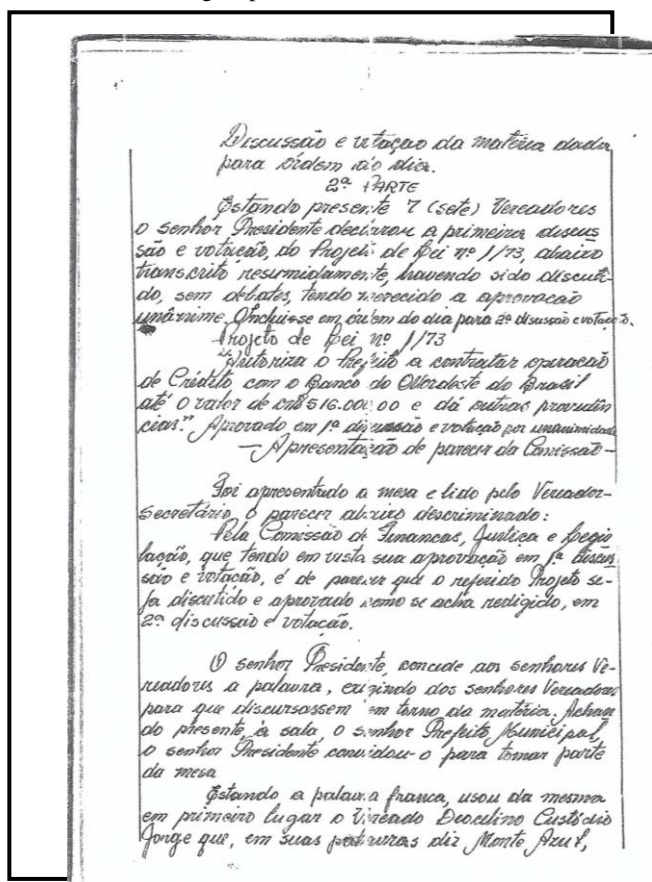
“O Coronel Levy Souza e Silva tinha um sobrinho, P. Esse sobrinho era uma ótima pessoa, mas quando bebia, se alterava, montava em seu cavalo e saía por Monte Azul disparando tiros para o alto. Certa noite, estávamos indo para o cinema, quando a nossa frente, lá estava P., bêbado e dando tiros para o alto. As pessoas corriam desesperadas. Nelson não só não correu, como também, para meu desespero, ficou em pé encarando P. Fomos então para o cinema. Passados poucos minutos após o início do filme, Nelson disse que ia sair para comprar balas. Na verdade, ele foi atrás de P. tomou sua arma e a levou com ele. Assistiu o filme com a arma de P. na cintura. Mas ele não iria permitir que a população fosse aterrorizada ou que algo pior acontecesse enquanto ele estava se divertindo. Esse era o Nelson, destemido e corajoso como ninguém”.

Cabe destacar que P., que quando não bebia era ótima pessoa, acabou sendo assassinado em uma disputa por terras. Seu filho hoje é um dos principais políticos de Monte Azul. Essa história, ainda que não seja o foco do artigo, oferece mais uma demonstração da força do Coronelismo no norte de Minas. Por um lado, as divergências são resolvidas com o uso da violência sempre que os oponentes julgam necessário. Por outro lado, a tradicional família dos coronéis ainda tem papel de destaque na política de Monte Azul, ainda que a cidade tenha se modernizado. Toda a história do artigo deixa evidente que o Coronelismo sobreviveu cada vez mais enfraquecido durante a segunda metade do século XX, e ainda sobrevive até os dias atuais. Além disto, estes exemplos, assim como outros apresentados no artigo, demonstram um dos pontos que Leal destaca no Coronelismo, que é o uso de violência por parte dos coronéis e demais atores sociais em seu convívio social e como forma de resolução de conflitos.

A família de Nelson e Laura cresceu com a chegada de Fabrícia, em 1967, Soraya em 1969, Wanderley em 1970, Sintya em 1973 e Joverley em 1976. Houve também um irmão que não sobreviveu ao nascimento. Com muitos filhos, como era característica das famílias da região, Nelson teve que buscar empregos melhores para fazer frente as

novas despesas. Quando um dos sócios da empresa em que trabalhava se elegeu prefeito de Monte Azul, convidou-o para assumir a secretaria municipal da educação. Nelson aceitou e passou a se envolver ainda mais com a política da região. Observe-se que a eleição deste prefeito, empresário ligado à indústria, caracterizava mais uma ruptura com o tradicional modelo coronelista. Pelas atitudes, trabalho e alianças políticas, Nelson cada vez mais se posicionava como uma força progressista relevante na cidade. O chefe da câmara municipal, J.D. pediu e conseguiu que Nelson fosse transferido para assessorá-lo, pois apesar de político de destaque, o mesmo era analfabeto. Até hoje estão preservados documentos redigidos por Nelson durante os trabalhos da câmara, como pode ser observado na figura 2.

Figura 2 – Ata dos trabalhos da Câmara Municipal de Monte Azul, redigida por Nelson de Paula Neto.



Fonte: Câmara Municipal de Monte Azul.

As preferências políticas de Nelson, que durante toda sua vida foram progressistas e se colocavam em oposição aos coronéis, ficaram ainda mais evidentes durante sua passagem pela prefeitura. Se é verdade que ainda solteiro se filiou a UDN, partido que na cidade fazia oposição ao PSD, que abrigava os coronéis, foi nessa passagem pela prefeitura que participou da constituição de um grupo que ficou conhecido como os “Aroeiras”. A aroeira, árvore resistente, de força extrema, que resiste as piores tempestades, ventanias e tudo o mais que pode acontecer com ela, foi escolhido por este grupo de jovens como nome do seu grupo não por acaso. Todos jovens, corajosos, de reconhecida força física e estatura moral, os Aroeiras se propunham a se unir em torno da causa do combate ao Coronelismo. Debatiam política, enfrentavam e se opunham aos desmandos quando ocorriam e passaram a constituir uma força política informal de respeito em Monte Azul. Fazia

parte desse grupo, além de Nelson (conhecido como “Nersão”), Chicão, Wilson, Mézio, Nilo e D. (esse último entrevistado para a redação desse artigo). A união política se transformou em autêntica amizade e chegaram a formar um time de futebol. Nelson era seu goleiro. Percebe-se pela formação e desenvolvimento das atividades dos Aroeiras, que o domínio dos coronéis e o desafio a essa supremacia se dava no âmbito municipal, tal como descrito pela teoria de Leal. O foco dos Aroeiras sempre foi o avanço e o progresso da cidade de Monte Azul. E na visão dos mesmos, isso passava pelo enfrentamento do Coronelismo dominante.

Ao terminar seu período de trabalho na prefeitura, Nelson voltou a iniciativa privada, recebeu uma proposta para trabalhar na Volkswagen em São Paulo. Chegou a começar a trabalhar lá, mas Laura não queria se mudar em definitivo, por achar São Paulo perigoso demais, e ele acabou prestando um concurso para um emprego na Rural Minas. Aprovado em primeiro lugar, se mudou com toda a família para Jaíba, cidade próxima a Monte Azul. Após algum tempo nessa empresa, novo concurso o levou para a Usina da Barra. Mesmo residindo em outra cidade, manteve os laços com os Aroeiras e ia com frequência participar das reuniões políticas em Monte Azul. Sua coragem, lendária no norte de Minas, continuou intacta, como pode se perceber pelo episódio da onça, relatado pela filha Sintya:

“Um dia meu pai voltou do trabalho em uma caminhonete. Ele havia ido trabalhar no sertão, afastado da cidade. Logo após estacionar o carro, nos chamou para ver o que ele havia trazido. Saímos todos e dentro da caminhonete estava uma onça. Preta, uma pantera, enorme. Eles a haviam capturado e iriam leva-la para outro local de acordo com a orientação das autoridades competentes. Antes disso, porém, ele fez questão que nós, os filhos, vissemos o lindo animal”.

Nelson, como durante seu trabalho na prefeitura havia ficado com parte de sua remuneração por receber, consultou um advogado da região, J. sobre como deveria proceder. A prefeitura, na época sob o controle de políticos alinhados com os coronéis, retardava ao máximo o pagamento dos valores devidos. Como o tempo passava e nada se resolvia, certo dia Nelson decidiu ir até Monte Azul e acompanhar pessoalmente o andamento do trabalho com J. Ao chegar em Monte Azul, foi com seu irmão Joel até um bar da região. Lá se encontravam J. e um dos irmãos de Laura, Luis, em um reservado. Também estava D. O ano era 1976. Nelson tinha trinta e três anos.

O real motivo do que aconteceu a seguir até hoje não foi esclarecido e talvez nunca venha a ser. Assim como o já relatado assassinato de Arabel, as tragédias que envolvem os coronéis são abafadas pela polícia e pelos políticos, que se não cúmplices, não demonstram o rigor da lei esperado para tratar com a situação. Alguns dos entrevistados apontam que Nelson estava impaciente e havia feito uma cobrança incisiva por resultados para J. Ainda que isso possa ter sido verdade, os atos de J. foram desproporcionais ao que poderia se esperar de uma reação a uma cobrança profissional. Outra versão, mais plausível, sugere que os coronéis, por demais incomodados com aquele gigante, de coragem sem igual, que há anos os confrontava no campo político, fizeram algum tipo de acordo político e financeiro com J. para que o mesmo resolvesse esta situação. Por ser advogado de Nelson, ao “resolver a situação”, não

estabeleceria vínculo nenhum de responsabilidade com os mandantes.

Pois naquele bar, ao encostar no balcão e pedir uma bebida, Nelson ficou de costas ao reservado onde estava J. Este se levantou, se aproximou de Nelson e atirou cinco vezes. Pelas costas, à queima roupa. Imediatamente J. fugiu correndo. Nelson, ferido de morte, não caiu. Joel, Luis e D. o acompanharam até o carro, onde ele se sentou. Como perdia muito sangue, decidiram levá-lo até a casa de um conhecido, próxima ao local. Conta D.:

“Nelson perdia muito sangue. Era incrível que alguém que perdesse tanto sangue ainda estivesse vivo. Mas este era ele, o mais forte dos fortes. Sua única preocupação era com sua esposa e com os filhos. Pedia que não avisássemos para eles, para não os alarmar, até que ele estivesse restabelecido. Ao chegarmos na casa, um rádio tocava a música “Pavão Misterioso”. Como não conseguimos estancar a hemorragia decidimos levá-lo até o hospital mais próximo, que ficava na vizinha Espinosa. Quando passamos pela linha do trem, Nersão faleceu. Não chegou ao hospital”.

O irmão de Laura, Luis, foi até Jaíba junto com o sempre amigo Geraldo Figueiredo e trouxeram a família de volta para Monte Azul. Fabrícia com nove anos era a filha mais velha. Soraya tinha sete anos, Wanderley seis, Sintya ainda não havia completado quatro e Joverley tinha poucos meses. A chegada da família e o velório de Nelson mobilizaram toda a cidade. Não houve morador que não passou para se despedir daquele jovem de tantas realizações. Como descreve Soraya:

“Não consigo lembrar de nada relacionado ao meu pai. Em função da tragédia, bloqueei tudo da minha memória. Porém me lembro do velório. O caixão estava na sala da casa da minha avó Joana. A casa lotada, a rua lotada, de amigos e familiares, todos indignados com o ocorrido. Aquela situação toda me assustou demais, não consegui me aproximar do caixão para me despedir do meu pai”.

As consequências familiares marcaram a vida de todos. Os filhos, que cresceram sem um pai presente ao seu lado. Ainda mais um pai com a força e a presença de Nelson. Sem os rendimentos de seu trabalho, a família que tinha um excelente padrão de vida para a época e região, passou por dificuldades e finalmente só pode se restabelecer com dignidade com o apoio das famílias e também por Laura, que mesmo tendo ficado viúva aos vinte e seis anos nunca mais se casou, ter começado a trabalhar como professora, profissão que conciliou com a criação dos cinco filhos até se aposentar. Além disso, a preocupação em não criar os filhos em um ambiente onde eles pudessem ser estimulados a retribuir violência com violência e perpetuar essa guerra com o Coronelismo, fez com que a família acabasse por se mudar para Montes Claros, a trezentos quilômetros de Monte Azul. Por todo o trauma que passaram, nenhum deles foi incentivado ou demonstrou interesse pela política. Com exceção de Sintya, que vive em São Paulo, todos têm suas famílias e negócios próprios na cidade de Montes Claros. Passaram a integrar a classe média urbana, que se desenvolveu ao longo do século XX no sertão norte-mineiro, tal como seu pai também o fez durante a sua vida. E foi essa classe média, segundo Leal, que com mais cultura e poder aquisitivo, que veio a tomar o poder por vias democráticas e substituir o modelo coronelista. Ressalte-se

que essa tomada de poder não se deu de uma vez só, em uma eleição apenas e sim foi um processo de décadas, com avanços e retrocessos em seu retrospecto, como fica evidente pela tragédia que ocorreu com Nelson.

J., que fugiu para escapar ao flagrante, se apresentou à polícia. Julgado e condenado por sete votos a favor e zero contra a condenação, fugiu por duas vezes mais do presídio. Da segunda vez não foi mais recapturado. Com a prescrição do crime, terminou por retornar a Monte Azul e lá vive até os dias de hoje. Suas repetidas fugas, se não são provas conclusivas, podem se constituir em provas que o Coronelismo local pressionou o poder estadual e policial (característica apontada por Leal como essencial para a sobrevivência do modelo, a troca de favores pelos coronéis com o governo estadual) a não insistir demais na resolução do caso e punição do responsável, pois outras pessoas, ainda mais poderosas, poderiam estar envolvidas.

Paradoxalmente, o golpe com que o Coronelismo esperava derrubar seus opositores, personificados na figura de Nelson, se voltou contra os próprios coronéis. A oposição popular, o repúdio que o crime causou, se não encerrou os dias do Coronelismo na cidade, gerou grande apoio aos movimentos que se opunham aos coronéis, que nunca mais tiveram o mesmo comando sobre os monte azulinos. Este movimento popular, espontâneo e inflamado pela revolta causada pela violência extrema dos coronéis, se somado aos movimentos econômicos e sociais pelos quais o Brasil e o norte de Minas passaram nas décadas subsequentes, se tratou de um marco e de um capítulo essencial para a chegada de um regime democrático e com certo grau de maturidade na região.

IV. CONCLUSÕES

Histórias podem contribuir, com dados e pontos de vista, a discussões sobre a estrutura histórico-social. O objetivo deste trabalho foi analisar os impactos do confronto entre o coronelismo, de Monte Azul e Nelson, tanto no âmbito da política local, dominada pelos coronéis, como na sua estrutura familiar. A partir da história de Nelson de Paula Neto podem ser encontrados elementos que definem o Coronelismo, tal como pensado por Victor Nunes Leal, como por exemplo seu caráter de fonte de poder municipal, que servia de sustentação para os governos estaduais, a necessidade para sua preservação da falta de cultura e recursos da classe mais humilde, dedicada principalmente a produção rural, o uso frequente da violência para se resolver disputas de poder, assim como a consistente decadência do modelo ao longo do século XX, em função da industrialização, do surgimento da classe média e da maior cultura e acesso a informação da população.

O que a história de Nelson retrata é o drama humano que envolveu essa superestrutura concebida por Leal. Ao se enfocar em um personagem real, que cresceu, viveu, se opôs e enfim foi destruído pelo Coronelismo agonizante, o artigo se propõe a não apenas resgatar a história de um protagonista nesse combate pelo progresso do Brasil em seus rincões mais atrasados, mas também a demonstrar o impacto destas forças nas vidas de quem estava lá. A sociedade exerce influência sobre os atores sociais, mas a atuação deles impacta de alguma forma, os rumos do processo social. E por isso o debate acadêmico pode estar mais atento as trajetórias de vida.

Cabe destacar que ainda que o livro original tenha sido escrito na primeira metade do século passado, por esta

história ter ocorrido na segunda metade do século XX e seus desdobramentos chegarem aos dias presentes, fica demonstrado a força do modelo de poder coronelista, que apesar de todas as transformações ocorridas na sociedade e na economia brasileira, ainda encontra espaço para existir nas regiões mais afastadas dos grandes centros, mesmo quando essas regiões fazem parte de estados prósperos como Minas Gerais.

Uma limitação de um estudo com estas características é que a história de vida pesquisada pode não refletir a realidade do restante da população. Desta forma, para validar esta interpretação do papel do Coronelismo nas últimas décadas do século XX e deste início de século XXI, são necessárias outras pesquisas narrativas, somadas a outras formas de estudo, qualitativas e também quantitativas, onde através de ferramentas de pesquisa e bases de dados mais amplas se possa apurar a dimensão ao longo do tempo e atual do Coronelismo, onde e como ele se encerrou e onde ele ainda efetivamente ocorre no Brasil. É relevante demonstrar quais os impactos que essa prática acarretou na população a partir da segunda metade do século XX e o que ainda acarreta a vida pública e privada brasileira. Apesar de não ser uma temática que esteja entre as mais prestigiadas na academia nos dias de hoje, sua atualidade e relevância não pode ser descartada. Há muito o que se estudar para poder ter a completa e real dimensão do fenômeno, assim como os acadêmicos e políticos do presente podem ser beneficiados com estes estudos para estabelecer propostas e planos para encerrar definitivamente o Coronelismo onde ele ainda tenha algum tipo de influência.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual**. Dados, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003&lng=en&nrm=iso>. Access on 24 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>.
- CRESWELL, John. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Pensa, 2014.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões – campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

DENZIN, N.K. **Interpretative biography**. Newbury Park: Sage, 1989.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder – formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global, 2006.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras: 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MOTTA, Rodrigo Guimarães. Antônio Conselheiro e João Abade: a teoria do estado e Canudos. **Revista Sodebras [on line]**, v. 12, n. 133. Jan./2017, p.18-23, ISSN 1809-3957. Disponível em: <<http://www.sodebras.com.br/edições/N133.pdf>>.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RODRIGUES, Catarina da Conceição. **Trilhas de Riobaldo: Fricções identitárias entre o real e o imaginário**. Montes Claros, 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão veredas**. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

SANT'ANNA, Ivan. **Herança de sangue – um faroeste brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VI. COPYRIGHT

Direitos autorais: Os autores são os únicos responsáveis pelo material incluído no artigo.

Submetido em: 30/01/2017

Aprovado em: 16/02/2017